

Brasileiras são alvo maioritário de tráfico humano

A maioria das mulheres vítimas de tráfico para fins de exploração sexual em Portugal é brasileira e não fica mais de seis meses no mesmo sítio, para evitar criar laços de fidelidade, revela um estudo apresentado ontem.

Em declarações à agência Lusa, Madalena Duarte, socióloga e investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, explicou que o estudo, a apresentar em Junho de 2007, está ainda em curso, não tendo por isso dados quantitativos sobre a matéria.

No entanto, os resultados intercalares, ontem divulgados em Lisboa, já permitem revelar al-



DIREITOS RESERVADOS

Estudo apresentado ontem

guns aspectos deste fenómeno, que começou a ter maior expressão em Portugal em 2001, com maior incidência nas cidades do Porto, Lisboa, Aveiro e na zona do Algarve.

A investigação deste tipo de crimes, adiantou, não é fácil, porque estas redes têm um elevado grau de adaptação e de flexibilidade e porque as mulheres têm uma grande rotatividade.

“Muitas andam entre Portugal e Espanha para não criarem laços de fidelidade”, disse.

A maioria das mulheres é de nacionalidade brasileira e trabalha essencialmente em bares de alterne, mas os investigadores

também encontraram registo de mulheres da Europa de Leste e da Nigéria usadas na prostituição de rua.

A investigação já permite também constatar que há uma diferença entre as mulheres recrutadas em países de leste e as brasileiras: as redes de tráfico de mulheres brasileiras são artesanais, enquanto as de Leste são organizadas e violentas. Segundo Madalena Duarte, alguns processos judiciais têm demonstrado que as mulheres das redes de leste estão sujeitas a uma violência física mais intensa, enquanto as brasileiras têm maior liberdade de movimentos. ||